

DA DESILUSÃO NACIONAL À ADMIRAÇÃO PELO RIVAL: A IMPRENSA ARGENTINA E A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1958

Luiz Henrique de Azevedo Borges¹
Michelle dos Santos²

Resumo: O futebol é uma atividade e uma narrativa que individualiza, identifica e traz orgulho para argentinos e brasileiros. Apesar da origem comum e das práticas que se assemelham, ao ponto de serem considerados os países que praticam o mais belo futebol do mundo, eles criam, um em relação ao outro, imagens que os diferenciam. Até o final da década de 1940, o domínio era argentino, porém, a partir da Copa do Mundo de 1958, objeto do artigo, o Brasil se sagrou campeão do mundo e tornou-se, para a imprensa argentina, o modelo a ser seguido.

Palavras-chave: Futebol; Brasil; Argentina; Discursos Jornalísticos.

From the National Disillusion to Admiration by the Rival: the Argentina Press and Brazilian Selection of 1958

Abstract: Soccer is an activity and a narrative that individualizes, identifies and brings pride for both Argentinians and Brazilians. Even though the origins are the same and the practices are similar to the point of being considered the countries that practice the most beautiful of soccer in the world, they create images that differentiate themselves from one another. Until the end of the 1940, the dominance was Argentinian, however since the 1958 World Cup, purpose of the article, Brazil became World Champion and came to be for the Argentinian press the model to be followed.

Keywords: Soccer; Brazil; Argentina; Journalistic Speeches.

De la desilusión nacional a la admiración por el rival: la prensa argentina y el equipo brasileño de 1958

Resumen

El fútbol es una actividad y una narrativa que individualiza, identifica y da orgullo a los argentinos y brasileños. Aunque de origen común y con prácticas que se asemejan, a punto de ser considerados los países que practican el más bello fútbol del mundo, crean, uno con relación al otro, imágenes que los distinguen. Hasta el final de la década de 1940, el dominio era argentino; sin embargo, a partir del Mundial de 1958, objeto del presente artículo, Brasil se consagró campeón del mundo y se convirtió, para la prensa argentina, el modelo a seguir.

Palabras Clave: Fútbol; Brasil; Argentina; crónicas deportivas.

¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Faculdade União de Goyazes. Brasília-DF, Brasil. E-mail: falecomluizborges@gmail.com.

² Universidade Estadual de Goiás. Formosa-GO, Brasil. E-mail: michelle.santos0803@gmail.com.

Introdução

No Brasil e na Argentina, assim como em inúmeros países pelo mundo, a prática do futebol teve início devido à influência britânica. Refletindo o poderio econômico, social, cultural e político da Inglaterra, na chamada *belle époque* (AGOSTINO, 2002; FRANZINI, 2009; MURRAY, 2000; PEREIRA, 2000), o futebol ganhou grande parte do mundo, mantendo-se em estreita relação com a expansão do capitalismo/imperialismo inglês.

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam [...] e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles o futebol (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 40).

Na Argentina, a introdução do futebol se deu mais cedo do que no Brasil, tanto no que se refere ao mito fundador, bastante semelhante nos dois países, quanto à historiografia oficial, vinculada aos irmãos Hogg e a Alexander Watson Hutton, entre os argentinos ou a Charles Miller entre os brasileiros. Segundo Ricardo Pinto dos Santos, o mito fundador

[...] conta a história do futebol através de origem popular, apresentando alguns traços do jogo e associando-os diretamente aos portos de Buenos Aires. A outra versão conta a história a partir dos colégios universitários, nos quais a regulamentação e a organização seriam suas bases explicativas principais. Independentemente da versão, o que nos interessa agora é que esses dois eixos explicativos são desenvolvidos de forma bem próxima ao caso do Brasil, ou seja, uma vertente ligada aos centros de ensino e à elite e a outra aos portos e às camadas populares (SANTOS, 2012, p. 27).

A primeira partida de futebol ocorrida na Argentina foi disputada em 20 de junho de 1867, organizada pelos irmãos Hogg. Contudo, ela não gerou quaisquer consequências para o desenvolvimento de tal esporte no país. Para Bayer (2009) e Frydenberg (2013), o caminho que efetivamente inaugurou a tradição futebolística na Argentina foi percorrido em paralelo ao das ferrovias que, construídas com capital e, especialmente, operários ingleses que trouxeram consigo suas práticas culturais, dentre elas o futebol, praticado e difundido nas instituições educacionais vinculadas à colônia inglesa. Sua fecunda história se encontra intimamente associada ao nome do professor escocês Alexander (ou Alejandro) Watson Hutton e ao Buenos Aires English High School, por ele fundado em 1884.

Mas também o Brasil tem um “pai do futebol” de ascendência britânica: Charles Miller. Seu pai, o escocês John Miller, decidiu vir para o Brasil em busca de novas oportunidades de trabalho, instalando-se em São Paulo, mais precisamente no bairro do Brás. Por não haver escolas britânicas estabelecidas naquela cidade, Charles Miller e seu irmão mais velho, John Henry, foram enviados, em julho de 1884, para estudar na Inglaterra.

Dez anos depois, tendo finalizado seus estudos, Charles Miller retornou ao Brasil. Trouxe consigo, assim como fizera Alexander Hutton na Argentina, alguns apetrechos fundamentais para a prática futebolística: um livro de regras, duas bolas de futebol, um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas, além das camisas das duas escolas pelas quais jogou: a Banister Court School e a St. Mary's.

Em 1895, precisamente no dia 14 de abril, foi disputada aquela que é considerada a primeira partida de futebol realizada no Brasil. Enfrentaram-se na Várzea do Carmo, o The Gas Works Team que, como o próprio nome indica, era formado por funcionários da São Paulo Gaz Co., empresa responsável pela iluminação pública da cidade, e a equipe de Miller, The São Paulo Railway Team. A partir de então, Miller e seus amigos passaram a jogar futebol regularmente aos sábados e feriados.

Entretanto, o primeiro confronto entre argentinos e brasileiros só ocorreu em 1908. Aceitando o convite formulado pela Liga Paulista de Futebol, então presidida por Antônio Prado Júnior, um combinado argentino se deslocou para São Paulo para uma série de três partidas amistosas, seguindo depois para o Rio de Janeiro, para outros três jogos. É importante ressaltar que nenhum desses jogos foi disputado pelas respectivas seleções nacionais, mas marcam a primeira aproximação entre os países no espaço futebolístico. As duas seleções só viriam a se encontrar em campo no ano de 1914, com a disputa da primeira Copa Roca.

Em setembro de 1914, na supracitada competição, inicia-se a história dos confrontos entre as seleções do Brasil e da Argentina que, até o final da década de 1940, teve hegemonia dos argentinos. O seu grande rival, naquele momento, era o Uruguai, sendo o Brasil considerado, como ressaltou Santos (2009), apenas a terceira força do continente.

Os brasileiros tinham no país vizinho um modelo que a ser seguido. O sentimento de inferioridade era tal que os clubes brasileiros acreditavam que, para terem sucesso, era imprescindível contar com pelo menos um atleta originário do Prata, fosse ele proveniente da Argentina ou do Uruguai, em seu plantel.

Desde os reveses ocorridos após o Mundial da França, em 1938, até meados da década de 40, originou-se o termo “platinismo” que reiterava a inferioridade em comparação ao rival. A Argentina apresentou, ao longo da referida década, excelentes jogadores e seu jogo, para a imprensa brasileira, era marcado pela boa técnica e, especialmente, pela força do conjunto, pela velocidade que imprimia ao jogo e pela menor preocupação com a individualidade. Enquanto o Brasil excedia em “suas tramas” ofensivas, o adversário mostrava-se mais objetivo.

Em 1957, ano anterior ao Mundial na Suécia, após a derrota brasileira perante a Argentina no primeiro confronto pela Copa Roca ocorrido no Maracanã, no dia 07 de julho,³ a Folha da Noite e a Folha da Manhã, além de elogiar o futebol apresentado pelo adversário, afirmavam que ele venceu com

³ O confronto apresentou um fato de grande relevância para o futuro não só do futebol brasileiro, mas também mundial. Foi nele, um Brasil e Argentina, que Pelé debutou com a camisa da Seleção Brasileira, ao entrar no intervalo do jogo, envergando a camisa 13. Foi dele o gol brasileiro.

largos méritos. Mais uma vez, os jornais brasileiros salientavam o “complexo de inferioridade” em relação aos argentinos.

Perdemos para um time que jogou melhor, que foi mais coeso e mais convicto de sua força e que soube cultivar a vitória desde os primeiros minutos da partida. E perdemos em nosso campo. Muitas vezes temos visto a seleção do Brasil ser derrotada, o suficiente para dar-nos a convicção de que há uma certa inferioridade do nosso atleta. Algo psicológico que o inibe nos momentos difíceis, influenciando diretamente na sua produção técnica. (FOLHA DA NOITE, 1957, p. 2)

E ainda:

Não há contestação e nem desculpas possíveis para o insucesso da representação da C.B.D. No duro, nosso onze foi vencido porque os argentinos demonstraram, uma vez mais, aquilo que geralmente sempre provaram no passado: possuem um futebol de melhor nível técnico, jogado por futebolistas que se conservam mais tranquilos diante das asperezas das contendidas. Estamos convencidos, pois, de que a “diferença entre o nosso ‘soccer’” e do vizinho país não pode ser mais explicada como produto de meros fatores circunstanciais – más arbitragens, “faltou fulano”, etc. A “coisa” é mais profunda. A nosso ver, advêm de uma inibição que se apodera das nossas seleções cujos elementos já entram em campo cientes da melhor capacidade técnica dos argentinos. (FOLHA DA MANHÃ, 1957, p. 19)

Já para a imprensa argentina, não faltava aos brasileiros qualidade técnica. Segundo ela, o adversário tinha recursos, domínio de bola e compreensão de jogo, mas necessitava apresentar mais firmeza e vigor, raça e disposição além de objetividade, pois seus jogadores atuavam com muita “firula”. Os mesmos estereótipos referendados pelos jornais do Brasil.

Construiu-se uma identidade que permaneceu nos imaginários brasileiro e argentino até a contemporaneidade: os argentinos, além da boa técnica, atuam com mais garra e vontade, demonstram maior preocupação com o conjunto; exatamente os elementos que faltariam ao futebol brasileiro. Tais estereótipos explicariam as derrotas sofridas ao longo da década de 40 e serviriam, como ainda servem, como fórmula para que o Brasil pudesse se sobressair em relação ao adversário: unir as habilidades individuais à garra, com maior disposição e preocupação para com a coletividade.

A Copa do Mundo de 1958, disputada na Suécia, alterou drasticamente tal quadro relacional. A partir de então, cria-se outra imagem do futebol brasileiro para os argentinos que seria ainda reafirmada na Copa de 1962 e imortalizada no tricampeonato, em 1970. A partir da nova imagem construída em 1958, a imprensa argentina passou a expressar seu desagrado todas as vezes que o Brasil se apresentou destoante da representação por ela criada anteriormente.

A Copa do Mundo da Suécia (1958)

No Congresso da FIFA ocorrido em 1948, em Luxemburgo, a Suécia foi escolhida como provável sede da VI Copa do Mundo, sendo oficializada em 1954, na Suíça. A Copa do Mundo disputada na Suécia seria também a primeira que não contaria com a presença do seu criador, Jules Rimet, falecido dois anos antes, aos 83 anos.

Foram disponibilizadas 14 vagas para a fase final da competição que seriam disputadas por 53 países. Não é demais ressaltar que a Alemanha, campeã de sua última edição, e a Suécia, país-sede, completariam os 16 países classificados para o Mundial. À América do Sul cabiam 3 dessas vagas.

Nove seleções nacionais afiliadas à Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) disputariam a fase eliminatória. Elas foram divididas em três grupos, compostos por três equipes cada. Os jogos seriam disputados em “ida e volta” ao longo de 1957. Brasil, Peru e Venezuela compunham o Grupo 1.

O Brasil enfrentou apenas a Seleção Peruana, pois os venezuelanos desistiram da competição. O primeiro jogo, em Lima, no dia 13 de abril, encerrou-se empatado em 1X1. Mas, na semana seguinte, em 21 de abril, no Maracanã, mesmo que a equipe não apresentasse um bom futebol, Didi, com seu famoso chute “folha seca”, garantiu a vitória e a classificação brasileira pelo placar mínimo.

O caminho argentino foi mais árduo, afinal, ela precisava enfrentar a Bolívia e o Chile. Na já temida altitude de La Paz, a seleção platina amargou sua única derrota ao longo da disputa: 2X0 para os anfitriões. Superado o “tropeço” na estreia, a albiceleste colecionou três vitórias e a vaga para retornar aos Mundiais, dos quais se ausentara em 1938, 1950 e 1954.

Se nos campos de futebol Brasil e Argentina seguiam no mesmo compasso, nos campos político e econômico viviam momentos muito distintos. No Brasil, Juscelino Kubitschek, que havia assumido a presidência em 31 de janeiro de 1956, mantinha o país nos trilhos democráticos. Seu plano de desenvolvimento, o popularmente conhecido “Plano de Metas”, impulsionou a economia brasileira, especialmente nas áreas urbanas e no setor industrial.

O governo de Kubitschek tinha como símbolo maior a construção de Brasília, que viria a ser a nova capital do país. O período ainda assistiu um aumento significativo no consumo de bens não duráveis e duráveis, com destaque para os automóveis. O otimismo era a tônica da era JK, tanto que a época foi consagrada como os “Anos Dourados”.

Na Argentina, no entanto, Perón foi destituído do poder, em 1955, pela denominada “Revolução Libertadora”, encabeçada pelo general Eduardo Ernesto Lonardi. O novo governante permaneceria no poder apenas por sete semanas, sendo substituído por outro general, Pedro Eugenio Aramburu.

Com o intuito de “desperonizar” o país, o novo governo passou a perseguir os funcionários do regime anterior; a CGT (Confederação Geral do Trabalho da República Argentina) sofreu intervenção; o Partido Peronista foi dissolvido, assim como a Fundação Eva Perón. O decreto 4.161 proibia, inclusive, a menção aos nomes de Perón e Evita.

Os peronistas reagiram com greves gerais e sabotagens. Em 1956, o governo decretou Lei Marcial, aplicando a pena de morte aos rebeldes.

Segundo Maria Sáenz Quesada (2012, p. 573): “Uma onda de estupor e medo tomou conta do país, pela primeira vez na história dos golpes militares do século se castigava com a morte os rebeldes”.

Divergências entre os apoiadores da “Revolução Libertadora” enfraqueceram a posição de Aramburu que, em 1957, convocou eleições constituintes. Essas mesmas divergências provocaram a cisão da *Unión Cívica Radical* (UCR), surgindo dela dois partidos: o *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), liderado por Frondizi e o *Unión Cívica Radical del Pueblo* (UCRP), liderado por Balbín. O primeiro defendia uma aproximação com o peronismo, enquanto o segundo era antiperonista e contava com o apoio governamental. Na disputa das eleições presidenciais, em fevereiro de 1958, a vitória coube a Frondizi, apoiado pelo exilado Perón, com 45% dos votos, enquanto Balbín, seu adversário, obteve apenas 29% dos sufrágios.

No campo econômico, a Argentina não acompanhou o ritmo de outros países capitalistas, nem sequer de seus vizinhos no próprio continente sul-americano como o Brasil, o Chile, o Peru e a Venezuela. Com isso, ela perdia importância relativa no mercado internacional.

Nos anos cinquenta a sociedade argentina era algo como uma ilha feliz em relação aos países sul-americanos e a Europa do pós-guerra. Porém, seu crescimento econômico se manteve estável enquanto os países capitalistas, sobretudo os derrotados, Itália, Alemanha e Japão, progrediam em ritmo acelerado. Os valores das exportações argentinas estancaram precisamente quando começava no mundo uma etapa prolongada de prosperidade comercial, não só nessas nações, como também no Brasil, no Chile, na Colômbia, no México, no Peru e na Venezuela (SÁENZ QUESADA, 2012, p. 579).

O Mundial da Suécia foi disputado entre os dias 8 e 29 de junho com uma fórmula bastante simples: as dezesseis seleções foram divididas em quatro grupos com quatro equipes cada; as duas melhores em cada grupo disputariam a fase seguinte, onde os jogos seriam eliminatórios. A Seleção Argentina ficou no Grupo I enfrentando a Alemanha Ocidental, então campeã mundial, a Irlanda do Norte e a Tchecoslováquia. O Brasil, no Grupo IV, enfrentou a Áustria, a Inglaterra e a União Soviética, doravante URSS.

Aquela Copa tornou-se um momento de inflexão, um divisor de águas, tanto para brasileiros quanto para argentinos. Os últimos, apesar de não contar com vários jogadores que disputaram, venceram e encantaram no Sul-Americano disputado no Peru, em 1957,⁴ acreditavam que o seu futebol era o melhor do mundo. Estavam extremamente confiantes quanto ao Mundial da Suécia, acreditando-se referendados pelos resultados pretéritos como o vice-campeonato olímpico e mundial (1928 e 1930), o domínio continental exercido ao longo da década de 40, os bons resultados obtidos em amistosos contra seleções europeias e os 11 títulos sul-americanos conquistados.

⁴ A AFA decidiu que os jogadores que atuavam no exterior não seriam convocados. Após a campanha vitoriosa em 1957, vários jogadores que se destacaram foram adquiridos por equipes europeias, tais como: Angelillo pela Internazionale, Sívori pela Juventus, Maschio pelo Bologna e Dominguez pelo Real Madrid. ⁴ *El Gráfico*, p. 31, 20 jun. 1958.

Os brasileiros, por seu turno, com um retrospecto bem menos animador, teriam que superar o recente trauma da Copa de 1950 e a desconfiança em relação ao desempenho de seus jogadores que, segundo se acreditava, tremiam nos momentos decisivos. Assim, eles teriam que superar, nas palavras de Nelson Rodrigues, o seu “Complexo de Vira-Latas”.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: – ‘O que vem a ser isso?’ Eu explico.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol [...].

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fê em si mesmo (RODRIGUES, 2002, p. 52).

Na estreia argentina no Mundial de 1958 contra a Alemanha, como os uniformes selecionados foram considerados parecidos, foi realizado um sorteio para decidir quem deveria trocá-lo. Foi a primeira derrota argentina daquele dia. Forçada a abandonar a tradicional albiceleste, enfrentou os alemães envergando a camisa amarela de uma equipe local que carregava o nome da cidade, o Malmö. Apesar de marcarem primeiro, os argentinos não resistiram ao ímpeto alemão e foram superados em 3X1.

A derrota não foi tão desanimadora, afinal, além de terem perdido para a atual campeã do mundo, os argentinos conseguiram, em muitos momentos, equilibrar o jogo. Na partida seguinte, os platinos enfrentaram a retrancada Irlanda do Norte e demonstrando disposição, garra e melhor técnica, os sul-americanos venceram por 3X1.

A classificação seria decidida no confronto contra a Tchecoslováquia. O espião argentino, enviado para assistir o jogo entre o futuro adversário e a Alemanha, retornou animado, afirmando que o oponente era muito ruim e que a Argentina ganharia caminhando (CLARÍN, 2002, p. 43).

Com o resultado de 2X2 entre Alemanha e Irlanda do Norte, os argentinos precisavam de um simples empate para avançarem à fase seguinte. A partida foi disputada no dia 15 de junho de 1958 e, não obstante, a Tchecoslováquia foi implacável, goleando os argentinos por 6X1. Resultado que, até hoje, marca a maior derrota do país em mundiais. A Argentina, desmoralizada, retornava para casa em último lugar em seu grupo.

A recepção da torcida argentina mostrou todo o desagrado e decepção com a campanha. Os atletas e membros da comissão técnica foram recebidos em Ezeiza, aeroporto de Buenos Aires, com uma chuva de moedas, à revelia da presença dos 250 policiais que os custodiavam. Segundo Bayer (2009, p. 79), “Centenas de torcedores os esperavam para agredi-los” e alguns meios de comunicação “acusavam os jogadores argentinos até mesmo de falta de masculinidade”.

Dante Panzeri, escrevendo para o *El Gráfico*, responsabilizou todos os setores pela derrota argentina: dirigentes, jornalistas, jogadores e torcedores. Para ele, os argentinos tinham o melhor jogo do mundo que, no entanto, não deveria ser confundido como o melhor futebol do mundo. Para alcançar tal nível era preciso que o futebol de seu país fosse jogado de forma séria. “Jogar se sabe muito aqui, tanto como qualquer um. O que ainda não se aprendeu – e permanece ensiná-lo – é jogar seriamente” (PANZERI, 1958, p. 31).

O renomado cronista argentino Borocotó, trouxe para a discussão, já em 1958, um aspecto que ainda habita os estádios sul-americanos: a violência. Ele a responsabilizou por ser um dos motivos do fracasso do futebol argentino, na Copa da Suécia. “Vivemos no país das agressões. São contra dirigentes, contra jornalistas, contra os próprios jogadores do clube” (BROCOTÓ, 1958, p. 36). Ressaltou ainda a impossibilidade das senhoras e famílias assistirem, no estádio, uma partida de futebol, pois poderiam ser atingidas por sacos de urina ou projéteis atirados pelos torcedores que acima delas se alojavam.

A má conduta dos jogadores também foi apontada pela AFA como um dos motivos para do fracasso. No entanto, desculpas estapafúrdias também foram dadas pelos dirigentes como, por exemplo, que a carne argentina que deveria ser servida aos jogadores não teria chegado à Suécia com a devida antecedência (PANZERI, 1958, p. 31).

Dois aspectos devem ser mencionados após o fracasso dos argentinos na Suécia. Primeiro: nem tudo foi em vão, a derrota gerava ensinamentos, especialmente no que se referia à importância da preparação física dos atletas. Segundo Silvio Marzolini, “O Mundial da Suécia foi um fracasso total para a Argentina, porém acredito que marca uma mudança importante no osso futebol porque se começa a reconhecer o significado da preparação atlética” (BAYER, 2009). Trilhando o mesmo caminho, logo após a derrota para a Tchecoslováquia, Borocotó escreveu:

A lição é dura, até cruel (afinal uma derrota por 6 a 1 é arrasadora), porém há razões positivas no desastre, razões para extrair benefícios. Os jogadores argentinos vivem do futebol, porém são poucos, muito poucos, que vivem para o futebol. Que é outra coisa. Não se submetem, não se prestam a preparação física rigorosa. Não vivem para o futebol. Não são como os alemães, que às 9 da manhã do outro dia estavam treinando novamente, enquanto os argentinos dormiam. (EL GRÁFICO, 1958, p.4)

O outro aspecto, que se vincula diretamente ao primeiro: o Brasil se preparou fisicamente de forma adequada para o Mundial, o que fazia dele o modelo a ser copiado. Tal discurso que se intensificou após a conquista na Suécia e posteriormente no Chile (1962), pois o país havia entrado na corrente moderna do futebol, entendido pelo cronista platino como um futebol praticado com velocidade: “Porém, há que extrair benefícios, fazer como os brasileiros, entrar no que chamamos ‘corrente moderna’” (BROCOTÓ, 1958, p. 40).

Se para a Argentina, o divisor de águas foi bastante amargo, o mesmo não se pode afirmar para o futebol brasileiro. Iniciava-se a mística da camisa

amarela. Se o retrospecto recente não era animador, naquele momento, a organização prevalecia. João Havelange, eleito presidente da CBD em janeiro de 1958, de imediato nomeou Paulo Machado de Carvalho para comandar a delegação brasileira que jogaria o Mundial. Também foram escolhidos o técnico Vicente Feola e os locais para a concentração dos atletas no Brasil e na Suécia. Vários jogos preparatórios foram disputados, dentre eles o primeiro em que Pelé e Garrincha atuaram juntos pela Seleção Brasileira, contra a Bulgária.⁵

O Brasil realizou sua estreia no torneio no dia 08 de junho e venceu a Áustria por 3X0. A partida foi muito mais difícil e disputada do que o placar pode sugerir, ao ponto de Gilmar, goleiro brasileiro, ter sido um dos destaques da equipe. A partida seguinte, no dia 11 de junho, foi contra os “inventores do futebol”, os ingleses. Assim como no primeiro jogo, Pelé e Garrincha não foram escalados para o time titular. Apesar da boa apresentação, o resultado foi frustrante, um empate sem gols que complicava o futuro da equipe canarinho na competição.

Para não depender do resultado da partida entre Inglaterra e Áustria, que terminaria empatada em 2X2, o Brasil precisava vencer a temível URSS, com seu alardeado futebol científico medalhista de ouro nas últimas Olimpíadas e que contava com a liderança do incrível goleiro Lev Yashin, o “Aranha Negra”. Feola, com o objetivo de cansar os “super-homens” soviéticos, decidiu escalar um ataque rápido: Pelé, Garrincha e Zito – que deveriam pressionar o adversário desde os primeiros minutos. O confronto decisivo se deu no dia 15 de junho, em Gotemburgo.

A partida deixou atônitas e encantadas as aproximadamente 51 mil pessoas que a assistiam no estádio e completamente pasmos e assombrados os soviéticos. O domínio brasileiro se estabeleceu desde o início. Em apenas 3 minutos, o Brasil já havia acertado duas vezes os postes do gol de Yashin e aberto o placar. Para o jornalista Gabriel Hannot, do *L'Equipe*, diário esportivo francês, foram “os maiores três minutos mais sensacionais de todos os tempos do futebol” (FARIAS, 2014, p. 255).

Apesar do Brasil só ter feito seu segundo e derradeiro gol aos 32 minutos da etapa final, classificando-se para a fase seguinte do campeonato, o bombardeio inicial não só encantou o público presente como desmoralizou os soviéticos e seu “futebol científico”, incapaz de ameaçar a Seleção Brasileira.

Depois do bombardeio inicial, feito pela vanguarda brasileira, notava-se na fisionomia dos jogadores da C. C. C. P. uma máscara provocada pela surpresa que gerava desânimo. Daí por diante nada mais se viu na científica seleção soviética. Todos os planos, relatórios e esquemas feitos com o intuito de derrotar a seleção brasileira caíram por terra ante a improvisação de um Didi e de um Garrincha, a impetuosidade de um Vavá e o trabalho eficiente de um Zagalo. De nada adiantou a constante espionagem de Katchalin e Yakouchin (técnicos russos) nos nossos treinamentos em Hindas. (JORNAL DO BRASIL, 1958, p. 1)

⁵ A Seleção Brasileira jamais perdeu um confronto quando Pelé e Garrincha estavam em campo. Oito anos depois, na Copa de 1966, mais uma vez contra a Bulgária, os dois atletas atuaram pela última vez juntos pelo Brasil.

Em relação à empatia entre Garrincha e a torcida, o Jornal do Brasil também foi categórico:

O público sueco presente ao estádio de Gotemburgo não se cansou de aplaudir o quadro brasileiro e principalmente Garrincha, que parecia jogar para a plateia. Seu trabalho dentro da peleja foi de grande utilidade para nossa seleção. A desmoralização a Kounestsov refletiu em todo o quadro soviético no qual poucos nomes podemos destacar. (JORNAL DO BRASIL, 1958, p. 1)

Nas quartas-de-final, o Brasil enfrentou o ultradefensivo País de Gales que, para o jogo do dia 19 de junho, reforçou ainda mais a marcação após a “destruição” provocada por Garrincha na partida contra os soviéticos. A tática galesa foi bem-sucedida no primeiro tempo, apesar de não ameaçar o gol de Gilmar, mas o Brasil também não havia balançado as redes de seu oponente.

O Brasil só conseguiu superar a defesa adversária praticamente na metade do segundo tempo. Garrincha lançou a bola da direita para a área, Didi resvalou-a de cabeça conscientemente na direção de Pelé que, de costas para o gol e com um marcador próximo. Pelé, com um toque inusitado e já girando em direção do gol, fez com que a bola desenvolvesse uma pequena parábola. O jovem atleta brasileiro passou pelo seu marcador e deixou a bola tocar o chão para chutá-la, com o bico da chuteira, para o fundo do gol: Brasil 1X0, classificado para as semifinais. Foi também o primeiro gol de Pelé em Mundiais, “Surgia o símbolo da ‘camisa 10’” (SANTOS, 2009, p. 226).

Naquele momento, a França era, juntamente com o Brasil, uma das sensações da Copa e disputariam entre si uma das vagas para a final do campeonato. Nos quatro jogos por eles disputados, os franceses marcaram 15 gols, o que os credenciava como o ataque mais positivo do Mundial. Seria então o embate do melhor ataque contra a melhor defesa, pois a meta brasileira ainda não havia sido vazada.

A partida entre Brasil e França foi considerada a melhor do Mundial. Desde o início, a emoção deu o tom. A Seleção Brasileira inaugurou o placar logo aos 2 minutos, contudo, sete minutos depois, Fontaine empatou o jogo. Aos 35 minutos, um acontecimento facilitou o caminho dos brasileiros. O defensor e capitão da equipe francesa, Jonquet, fraturou a fibula depois de uma dividida com Vavá. Como em Copas do Mundo as substituições só foram autorizadas a partir de 1970, o francês, que ainda tentava continuar em campo, sem suportar as dores, deixou o gramado. Se resultado ou não da contusão, o certo é que o Brasil fez o segundo gol e foi para o intervalo com vantagem no placar.

O Brasil voltou ainda mais determinado na etapa final e contou com a grande apresentação de Garrincha e Pelé que marcou 3 gols, para vencer seu adversário por 5X2 e classificar-se para o jogo decisivo contra os suecos, donos da casa, que haviam eliminado os alemães de virada, por 3X1. Após a partida contra o Brasil, o goleiro francês, Abbes, afirmou: “Eu preferiria jogar contra dez alemães do que contra um único brasileiro” (FARIAS, 2014, p. 257).

Ao contrário do que ocorreu em 1950, a comissão técnica brasileira blindou os jogadores, especialmente em relação à imprensa com seu ufanismo

e confiança exacerbados que, nas derrotas, se transformavam em uma verdadeira caça às bruxas. Dessa forma, os atletas ficaram concentrados e deram poucas declarações antes da partida contra a Suécia.

A comissão técnica tratou de esconder os jogadores na concentração, para fugir do assédio da imprensa brasileira, ávida por arrancar algumas palavras dos “campeões do mundo”. Paulo Machado de Carvalho, Carlos Nascimento e Vicente Feola estavam decididos a impedir o que tinha acontecido em 1950, quando a concentração de São Januário virou quermesse, e em 1954, quando os jogadores brasileiros mais falaram às emissoras de rádio do que jogaram bola (GUTERMAN, 2009, p. 128).

O Brasil, especialmente em virtude do fracasso de 1950, estava extremamente ansioso e temia confirmar a máxima de sempre falhar nas horas importantes. Para aumentar o medo dos supersticiosos brasileiros, as duas seleções jogavam com camisas amarelas. No sorteio, a primeira vitória sueca: coube a eles o privilégio de atuar com o primeiro uniforme. O Brasil deveria escolher entre o branco, verde ou azul, suas cores oficiais. A ideia inicial era usar o branco, o que “gelou” especialmente os jogadores mais experientes, pois foi a cor usada contra o Uruguai em 1950. Catastrófica derrota!

Quem deu a solução ao problema foi Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação, ao decidir que o Brasil jogaria de azul, “a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida”. O preparador físico, José de Almeida, reforçou tal ideia lembrando que das cinco Copas já disputadas, em quatro delas os selecionados que jogaram de azul sagraram-se vitoriosos. Dessa forma, os jogadores ficaram um pouco mais tranquilos e o azul foi a cor escolhida.

Brasil e Suécia entraram juntos em campo no estádio Rasunda, em Estocolmo, com 49.737 espectadores, na tarde de 29 de junho de 1958. A maior parte deles acreditava na vitória da Suécia, uma equipe bem preparada fisicamente, disciplinada, rápida e que tocava a bola com muita precisão. Mas, mesmo que considerado um bom time, a Suécia apresentava uma defesa frágil e nos dois confrontos anteriores entre brasileiros e suecos, que coincidentemente ocorreram em Copas do Mundo, o Brasil havia vencido.⁶

O jogo começou em ritmo lento. O Brasil dava sinais de nervosismo e a Suécia se aproveitou da situação logo aos 4 minutos abrindo a contagem para delírio da torcida local. Coube a Didi acalmar os ânimos.

Bellini recolheu a bola no fundo do gol e a deu a Didi. Didi segurou-a contra o quadril e voltou caminhando com ela para o centro do campo. Veio devagar de propósito, para tranquilizar os companheiros, dizendo: “Não foi nada, pessoal. Vamos encher esses gringos” (CASTRO, 1996, p. 176).

Didi parecia profetizar o que ocorreria no restante da partida. A vantagem sueca durou apenas 5 minutos e a partir daí, o domínio brasileiro

⁶ Copa do Mundo de 1938: Brasil 4X2 Suécia e Copa do Mundo de 1950: Brasil 7X1 Suécia.

foi completo. Ao término dos 90 minutos, o placar anotava a vitória da Seleção Brasileira por 5X2 e a conquista de sua primeira Copa do Mundo.

O Impacto da Vitória Brasileira na Imprensa Argentina

Os argentinos também ficaram maravilhados com o futebol praticado pelo Brasil. Borocotó afirmou que, em campeonatos curtos como a Copa do Mundo, não necessariamente a melhor equipe se sagra vencedora, mas não foi o que ocorreu em 1958, quando o Brasil venceu merecidamente a competição. Ele ressaltou a organização, dentro e fora do campo, da delegação brasileira, contrastando obviamente com os problemas vivenciados pelo selecionado de seu país. Ressaltou a alta qualidade do futebol apresentado em decorrência do excelente preparo físico e pela força do conjunto. O Brasil, segundo ele, conseguiu unir a habilidade dos jogadores sul-americanos com a organização e qualidade física dos europeus.

Jogaram todos para o triunfo da equipe com qualidade amparada por um louvável espírito de luta; não houve estrelas reluzentes, porém sim, bons valores, todos bons. Seu futebol foi muito brasileiro na arte de jogar bola e muito europeu em todos os demais aspectos. O Brasil correu mais veloz e saltou mais alto que qualquer outro, porém fez tudo isso jogando. Ninguém jogou melhor ou com mais prazer. (BROCOTÓ, 1958: 5)

Ainda na edição de 4 de julho, houve outra importante matéria escrita por Borocotó. Nela, o jornalista ressaltou, buscando explicar o êxito brasileiro na competição, a organização com que o Brasil se preparou para a Copa do Mundo. Para o cronista, o ponto de partida foi o jogo contra a Argentina, em São Paulo, no Pacaembu, no dia 10 julho de 1957. Os donos da casa, após terem sido derrotados pelos argentinos na primeira partida, disputada no Maracanã, por 2X1, três dias antes, venceram o segundo jogo por 2X0 no tempo regulamentar e empataram na prorrogação, mantendo a posse da Taça Roca.

O regulamento da competição, caso cada selecionado vencesse uma partida, previa a realização de um terceiro jogo. Contudo, a delegação argentina precisava retornar para Buenos Aires, em virtude do início do campeonato local. Dessa forma, ficou acordado que, em caso de dois empates ou de uma vitória para cada selecionado, haveria uma prorrogação de trinta minutos após o segundo jogo. Se não houvesse vencedor no tempo extra, o título caberia ao vencedor do último jogo, que no caso era o Brasil.

A partir daquele momento, toda programação se voltou para a Copa da Suécia e nada ficou esquecido. Desde os exames médicos, psicológicos, a visita anterior ao país sede da Copa para melhor conhecer os hábitos alimentares, o clima, entre outros aspectos, a escolha minuciosa dos vinte e dois convocados, a concentração na cidade de Poços de Caldas, a esmerada preparação física. Em suma, mesmo não afirmando na reportagem, o jornalista fazia um paralelo com a (má) preparação da seleção de seu país (BROCOTÓ, 1958, p. 22-24).

Para Borocotó, a vitória brasileira era fruto de três elementos indispensáveis: o primeiro era a habilidade dos jogadores; o segundo, o

preparo físico adequado; e o terceiro a obediência tática. Exatamente o que os jornalistas argentinos chamavam de “corrente moderna” e sem adotá-la, dificilmente uma equipe teria êxito em um Mundial. “O Brasil foi sul-americano em um aspecto, europeu em outro. Assim há que preparar-se” (BROCOTÓ, 1958, p. 21).

O ex-jogador de futebol, técnico e jornalista espanhol Pedro Escartin, quase 20 dias depois da grande final, escreveu no título de sua matéria para o *El Gráfico* que “Jamais existiu vencedor mais convincente” (ESCARTIN, 1958: 56). Para ele, desde o jogo contra a URSS, quando apresentou um futebol prático, vistoso, eficiente, o Brasil se credenciou como o principal favorito à conquista do título e em “29 de junho, no estádio de Solna, confirmou-se o prognóstico mostrando-se o Brasil irresistível e completo em todas as virtudes do jogo” (ESCARTIN, 1958, p. 56).

Na disputa para a Copa Roca de 1960, o jornal *La Nación* sintetizou o atual estado do futebol nos dois países, as perspectivas e esperanças argentinas, as últimas competições em que enfrentou o Brasil e a desilusão em relação a seu adversário não se apresentar para a disputa com sua força máxima.

Quebrada a primazia do futebol argentino com o descalabro ocorrido na Suécia em 1958, o Brasil, por mérito de sua destacada atuação no campeonato mundial, passou a ser considerado então como o melhor futebol do mundo. A Argentina está empenhada em restabelecer o equilíbrio e até superar aos brilhantes malabaristas da bola. Êxitos recentes na Costa Rica e Lima – este com o time amador – e um medíocre desempenho em Guayaquil, puseram frente a frente a ambos selecionados, porém, em nenhum deles a equipe da Confederação Brasileira de Desportos foi o fiel expoente de seu melhor futebol. Suas estrelas foram reservadas para um acontecimento de grande ressonância. Esperava-se que agora viriam todos seus titulares, porém a excursão pela Europa impediu que o Brasil pudesse contar com suas figuras excepcionais, já que muitos ficaram com os seus times na excursão. (LA NACIÓN, 1960, p. 14)

Observam-se, claramente, mudanças identitárias na forma pela qual os argentinos se enxergavam e como percebiam o futebol brasileiro. Se durante a primeira metade do século XX tiveram uma posição proeminente no continente, agora se viam em uma posição, ao menos momentânea, de inferioridade em relação ao futebol brasileiro, especialmente em decorrência do título mundial conquistado em 1958 pelo Brasil. Mesmo buscando reestabelecer o equilíbrio e, se possível, voltar a reinar no cenário mundial do futebol, os argentinos também identificavam a habilidade dos jogadores brasileiros: “os brilhantes malabaristas da bola”.

Nos discursos proferidos pelo *La Nación* era comum encontrar afirmações de que o futebol brasileiro era o parâmetro a ser seguido pela Argentina.

Nos confrontos com o Brasil não interessa o motivo. Ontem foi a Copa Roca, antes o Sul-Americano em Buenos Aires [...]. O

motivo real é comparativo. O Brasil representa um altímetro na recuperação do futebol argentino. (LA NACIÓN, 1960, p. 14)

A ideia de ter o futebol brasileiro como o modelo reforçou-se com a conquista do bicampeonato, em 1962, no Chile. Os periódicos argentinos apresentaram as mesmas virtudes já destacadas quatro anos antes em relação ao Brasil. Destacavam ainda, que a alegria não significava irresponsabilidade ou improvisação na preparação, dentro ou fora do campo, pois havia um padrão tático claro seguido pelos brasileiros. O excelente domínio de bola dos vencedores, a capacidade de fazer jogadas inesperadas, segundo o La Nación, não deveria ser confundido com improvisação.

O Brasil, demonstrou uma vez mais a sólida estrutura de seu jogo ajustada a uma rigorosa estratégia coletiva. Jogou com a classe e a confiança de um autêntico campeão. Nada nele é improvisação ou inspiração, como alguns pretendem. O Brasil não improvisa nem dentro nem fora do campo. Seu padrão de jogo se baseia no 4-3-3 ou no 4-2-4. Está servido por homens capazes de aplicar o sistema, porém dotados de um controle de bola e uma técnica inigualáveis. Homens que recebem, param, conduzem e arrematam com a segurança daqueles para quem o domínio da bola não tem segredos. São, precisamente. Essas qualidades individuais as que muitos confundem com a inspiração. (LA NACIÓN, 1962, p. 10)

Conclusão

A década de 50 marcou o início de uma nova identidade para o futebol brasileiro, interna e externamente. Enquanto os argentinos, especialmente nos anos iniciais do referido período, se distanciaram das competições mundiais e mesmo sul-americanas, o Brasil sediou a Copa de 1950 e venceu os Mundiais de 1958 e 1962.

A Copa da Suécia, em 1958, pode ser considerada o marco na mudança da percepção em relação ao futebol praticado pelos dois países, um verdadeiro divisor de águas. Os argentinos, acreditando possuírem o melhor futebol do mundo, fracassaram fragorosamente, o que acarretaria uma caça às bruxas.

Para Santos (2009, p. 230), a derrota deflagrou “a busca pelos responsáveis e a distribuição de punições não tardaram a surgir”. A comissão investigadora que foi instituída após o retorno para Buenos Aires salientou os vários casos de indisciplina durante a preparação para a Copa do Mundo.

Mas as culpas não recaíram apenas sobre os atletas e a comissão técnica, os dirigentes também foram atingidos. Incapazes de evitar a venda de vários atletas argentinos para clubes estrangeiros, ainda definiram que tais jogadores não seriam convocados. Demonstraram desconhecimento da prática do futebol na Europa e, finalmente, havia a desorganização em que a seleção se viu envolvida. Reestruturar, renovar e organizar, seguindo o exemplo brasileiro, foram as palavras de ordem no futebol argentino.

O selecionado desembarcou na Suécia com somente 11 partidas disputadas contra equipes europeias, e desconheciam o que teriam pela frente. Durante a estadia de 15 dias na Itália,

enfrentando combinados juvenis, os jogadores tiveram de ser transferidos de um hotel de primeira categoria para outro de quarta [...]. Na Suécia, como a comida local era ruim e a tentativa de se contratar um cozinheiro italiano fracassou, muitas vezes Sanfilippo e Vairo se transformaram em *chefs*. Para terminar, outra pérola: no momento do regresso a Buenos Aires, não havia dinheiro para a compra de todas as passagens (SANTOS, 2009, p. 231).

O Brasil, por sua vez, carregando a desconfiança e precisando superar o trauma da derrota na Copa de 1950, alcançou o inédito título mundial, dando início à mística da camisa amarela, além de apresentar ao mundo dois gênios do futebol – Pelé e Garrincha – e outros excepcionais atletas.

A imprensa argentina ficou maravilhada com o futebol praticado pelo Brasil. Destacou a organização da delegação brasileira, dentro e fora do campo, aspectos que, segundo eles, faltaram ao selecionado de seu país. O sucesso se deu em virtude da capacidade do rival de unir a habilidade de seus jogadores ao preparo físico e à força de conjunto, a já referida “corrente moderna” para a prática do futebol.

Internamente, a imagem brasileira também se transformou. O “futebol alegre” ou “futebol moleque”, cujos ícones são os dribles de Garrincha porque “ateava gargalhadas por todo o estádio” (RODRIGUES, 1999, p. 79), passou a ser, nas palavras de Hugo Lovisolo, “uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as diversidades com alegria” (LOVISOLO, 2001, p. 10).

A vitória na Copa de 1962 e, sobretudo, a conquista do tricampeonato em 1970, única Copa em que a albiceleste foi desclassificada nas eliminatórias, reforçaram as imagens produzidas pelo e para o futebol brasileiros nos últimos 12 anos, discursos consumidos e legitimados não apenas no âmbito interno. Os periódicos argentinos reforçavam tal estereótipo por sermos, segundo eles próprios, alegres, descontraídos e musicais. Como ressaltou Ronaldo Helal (2005, p. 74), “o mito da ‘alegria brasileira’ é, de fato, muito difundido na Argentina e torna-se mais evidente nas análises sobre o futebol brasileiro”.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. 1ª edição. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.

BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2009.

BROCOTÓ. Brasil campeón em todo. *El Gráfico*, Buenos Aires, 04 jul., 1958.

_____. Brasil para la Copa de Mundo. *El Gráfico*, Buenos Aires, 04 jul., 1958.

_____. El mal viene de lejos. *El Gráfico*, Buenos Aires, 11 jul., 1958.

_____. Las virtudes de Brasil. *El Gráfico*, Buenos Aires, 11 jul., 1958.

CADERNO 2. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun., 1958.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CLARÍN. Argentina Mundial: historia de la Selección 1902/2002. *Clarín*, Buenos Aires, 2002.

EL GRÁFICO. La “C” de campeón. *El Gráfico*, Buenos Aires, 11 jul., 1958.

ESCARTIN, Pedro. Jamas existio vencedor más convincente. *El Gráfico*, Buenos Aires, 18 jul., 1958.

FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, vol. 01, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. “A futura paixão nacional: chega o futebol”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. Como ‘eles’ nos veem: futebol brasileiro e a imprensa argentina. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, vol. 04, nº 01, 2005. Disponível em:

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_07_RonaldoHelal.pdf. Acessado em: 08 de abril de 2018.

La Nación, Buenos Aires, 26 maio, 1960.

La Nación, Buenos Aires, 27 maio, 1960.

La Nación, Buenos Aires, 18 jun., 1962.

LOVISOLO, Hugo. Introdução. HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

PANZERI, Dante. Es mal agente de negócios. *El Gráfico*, Buenos Aires, 11 jul., 1958.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

RODRIGUES, Nelson. *Á sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SÁENZ QUESADA, Maria. *La Argentina: historia del pais y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre rivais: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.